

# LITERATURA COMPARADA: FOCO NAS DIFERENÇAS

Letícia Carvalho de Quadros (Mestranda em Estudos Literários pela UFPR)

## RESUMO

Este artigo é fruto da nossa monografia. Nela, analisamos comparativamente os romances *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Ratos e Homens*, de John Steinbeck. Na monografia, analisamos de forma breve as semelhanças das obras, mas buscamos priorizar o trabalho com as diferenças existentes. Percebemos, então, que a análise das diferenças entre obras na literatura comparada pode gerar trabalhos enriquecedores numa perspectiva teórica e crítica. Buscaremos, nesse artigo, refletir brevemente sobre a literatura comparada, e mostraremos os resultados da comparação feita no nosso trabalho anterior, com o objetivo de exemplificar como muitos estudos interessantes nesse campo da literatura podem ser feitos se tiverem como foco as diferenças entre os romances.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada. Diferenças. Vidas Secas. Ratos e Homens.

## ABSTRACT

This article is the result of our monography. In it, we comparatively analyze the novels *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, and *Of Mice and Men*, by John Steinbeck. In the monography, we briefly analyze the similarities of the works, but we seek to prioritize the work with the existing differences. We can see, then, that the analysis of the differences between works in comparative literature can generate enriching works in a theoretical and critical perspective. In this article, we will briefly reflect on the comparative literature, and we will show the results of the comparison made in our previous work, in order to exemplify how many interesting studies in this field of literature can be made if they focus on the differences between the novels.

**Key-words:** Comparative Literature. Differences. *Vidas Secas*. *Of Mice and Men*.

## 1. A ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *VIDAS SECAS* E *RATOS E HOMENS*.

No nosso trabalho de conclusão de curso, analisamos comparativamente os romances *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Ratos e Homens* (1937), de John Steinbeck. Tivemos como objetivo analisar o narrador de cada um dos romances, bem como o contexto em que cada obra está inserida, além da animalidade e humanização presente nos romances.

Tratam-se de romances muito semelhantes em seus enredos, publicados na mesma época, cada um nos mostrando um problema vivido pelas suas personagens em suas determinadas regiões, mas que guardam a sua maior diferença no modo como são narrados.

*Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um dos romances mais populares da literatura brasileira. O romance nos conta a história de Fabiano e sua família em retirada em meio à seca nordestina. É conhecido por ser um romance de denúncia social, assim como muitos romances da década de 30 no Brasil. Vários elementos de sua estrutura são interessantíssimos, entre eles o narrador.

*Ratos e Homens*, de John Steinbeck, é um romance que também tem cunho social. Situado na década de 30, tem como contexto a Grande Depressão Americana, e nos conta a história de George e Lennie, dois trabalhadores migrantes das fazendas da Califórnia. Seu narrador também nos chama atenção por ser exatamente o oposto do narrador presente em *Vidas Secas*.

Analisamos os elementos narrativos do texto, bem como o contexto de inserção de cada obra, além da animalização e humanização, visto que estão presentes nas duas obras. Não foi o nosso objetivo, portanto, refletir sobre a biografia de cada autor, assim como não buscamos colocar uma obra como fruto literário da obra, apesar de terem sido publicadas com um intervalo de um ano de diferença. Com uma breve pesquisa, descobrimos que os autores não tiveram nenhum tipo de troca intelectual, e, além disso, esse não era o foco do nosso trabalho.

Como podemos perceber, nosso trabalho é típico da literatura comparada: analisa dois romances provenientes de duas literaturas diferentes, e que contém semelhanças. Isso o colocaria como um trabalho da literatura comparada tradicional. Porém, como veremos depois, não destacamos as semelhanças. Elas foram apenas o incentivo para contrastarmos os dois romances. Com o decorrer da pesquisa, percebemos que é nas diferenças que teríamos um campo mais interessante para análise.

A seguir, discorreremos acerca da literatura comparada: métodos de pesquisa, objetivos de estudo, como é caracterizada etc., para, em seguida, expormos um pouco do trabalho comparativo das diferenças entre os romances, e como isso pode ser um fecundo objeto de análise no campo da literatura comparada.

## 2. A LITERATURA COMPARADA

Em qualquer trabalho interpretativo a comparação estará presente. Por isso, STEINER (2001) nos diz “que em toda operação hermenêutica há uma comparação tácita, a mais simples afirmação de preferência é “uma comparação com”. (STEINER, 2001, p.159 apud SANTOS;ALVES, 2013, p. 21). Como é um trabalho interpretativo intrínseco, no estudo da literatura não faltariam estudos comparativos, e esses estudos pertencem ao campo da literatura comparada. Para Remak (1971),

a Literatura Comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música) filosofia, história, as ciências sociais (política, economia, sociologia) as ciências, religiões, etc. de outro. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras, e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana”. (REMAK, 1971, p.1 apud CARVALHAL, 1991, p. 12).

Sendo assim, além de comparar dois textos literários, é possível, na literatura comparada, analisarmos comparativamente um texto literário com outros tipos de conhecimento, sejam eles artísticos ou não. “É, portanto, uma maneira específica de interrogar os textos literários, concebendo-os não como sistemas fechados em si mesmos mas na sua interação com outros textos, literários ou não.” (CARVALHAL, 1991, p. 13).

Por muito tempo, os trabalhos de literatura comparada tiveram como foco a análise de semelhanças, de possíveis inspirações, gerando pesquisas com “estudo restrito a exaustivos levantamentos, verdadeiros exercícios de erudição que, muitas vezes, impressionam mais pelo esforço da pesquisa do que pela agilidade das interpretações resultantes”. (CARVALHAL, 2006, p. 27). Por isso, muitas vezes a literatura comparada foi tida como “complementar, tornando-a subsidiária da historiografia literária e da literatura geral. A atuação do comparativista, desse modo, ficaria restrita a pesquisa de ‘fatos comuns a duas literaturas parecidas’.” (CARVALHAL, 2006, p.18).

Com o surgimento de associações de literatura comparada, e frequentes debates sobre o objeto de estudo desse campo da literatura, os objetivos no estudo comparativo das obras mudou. Assim,

o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de pareença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. (CARVALHAL, 2006, p.86).

A nossa análise comparativa, portanto, aproxima-se do que foi descrito acima: não buscamos focar nas semelhanças entre as obras. Estas foram apenas o estopim para a pesquisa. Analisamos, com apoio teórico, os elementos que mais distinguem os romances: o narrador, que guarda as particularidades de cada obra; além disso, outro objeto de análise foram a animalidade e a humanização presentes em ambos os romances. Também não tivemos como objetivo investigar uma possível inspiração de uma obra sobre outra, colocando alguma delas como exemplo. A seguir, expomos os resultados da nossa comparação, mostrando as principais diferenças encontradas.

### 3. A COMPARAÇÃO FEITA ENTRE OS ROMANCES: SEMELHANÇAS ENCONTRADAS

Primeiramente, analisamos as semelhanças que existem entre os romances. Publicados em um período próximo, *Vidas Secas* (1938) e *Ratos e Homens* (1937) são romances que possuem enredos muito parecidos. O romance de Graciliano, mais conhecido pelo público brasileiro, nos fala sobre as dificuldades e algumas situações vividas por Fabiano, sua esposa Sinhá Vitória, seus dois filhos, e a cachorrinha da família, Baleia. O cenário é o sertão nordestino. No início do romance, Fabiano e sua família estão à procura de um lugar para viver, caminhando na caatinga nordestina, em plena seca. São personagens simples, embrutecidos pela miséria, e que pouco falam. Importante para sabermos um pouco mais sobre cada personagem é o narrador.

Guardando as particularidades locais, o enredo de *Ratos e Homens* é muito semelhante. George e Lennie são dois trabalhadores rurais que migram de fazenda para fazenda na Califórnia. A época é de dificuldades econômicas, em decorrência da Grande Depressão Americana. Além dos personagens principais, ficamos conhecendo mais alguns trabalhadores da fazenda em que George e Lennie estão trabalhando no momento. A presença de animais é constante no livro. Além disso, o sonho dos dois de ter uma vida melhor, de comprar a própria terra, é nos apresentado a todo momento. Além disso, os trabalhadores também são apresentados como animais, sem complexidade aparente, e com pouca educação, o que é representado através do modo como se expressam.

Sendo assim, apesar de conter diferenças em decorrência dos locais em que se desenvolvem, os enredos de *Vidas Secas* e *Ratos e Homens* são muito semelhantes. A situação de retirante é vivida tanto por Fabiano e sua família, quanto por George e Lennie. As dificuldades econômicas são elemento constante em ambas as histórias. A brutalização dos personagens existe nos dois romances. A presença dos animais é outra semelhança entre os enredos. E tema comum nos dois romances é o sonho de uma vida melhor. Em *Ratos e Homens*, percebemos que “Esses dois trabalhadores migrantes californianos, unidos em uma improvável amizade, compartilham a esperança de um dia deixarem essa incerta existência

migratória para trás, através da realização dos seus sonhos pastorais por possuir sua própria pequena fazenda.” (nossa tradução).<sup>1</sup>

Lennie e George sonhavam com o dia em que conseguiriam comprar sua própria terra, e trabalhar no que era seu. Apesar de possuírem sonhos mais modestos, Fabiano e Sinha Vitória também alimentam esperanças de uma vida melhor:

Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria, as nádegas bumbas de sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas. (RAMOS, 1992, p. 15-16).

Esse é um exemplo de sonho de Fabiano. Sinha Vitória também tinha seus desejos:

Era bom levantar-se e procurar uma vara para substituir aquele pau amaldiçoado que não deixava uma pessoa virar-se. Porque não tinham removido aquela vara incômoda? Suspirou. Não conseguiam tomar resolução. Paciência. Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos. (RAMOS, 1992, p. 45).

Essas foram as principais semelhanças encontradas entre os romances. Mas analisar apenas as semelhanças, como vimos anteriormente, muitas vezes não contribui para a interpretação do texto literário. Por isso, falaremos agora das diferenças, e que papel elas possuem em ambas as obras.

#### 4. AS DIFERENÇAS EXISTENTES ENTRE OS ROMANCES

A principal diferença encontrada é o foco narrativo. Com tipos de narradores muito distintos, cada romance se construiu de forma totalmente diferente do outro. Em *Vidas Secas*, temos presente “a força de Graciliano ao construir um discurso poderoso a partir de

---

<sup>1</sup> "these two Californian migrant workers, united in an unlikely friendship, share the hope of one day leaving their uncertain migratory existence behind by realizing their pastoral fantasy of owning a small farm" (LIOEN, 2011, p.11).

personagens quase incapazes de falar, devido à rusticidade extrema, para os quais o narrador elabora uma linguagem virtual a partir do silêncio.” (CANDIDO, 2006, p. 145). O narrador desse romance é onisciente, narra em 3ª pessoa, e toma para si a tarefa de humanizar seus personagens, fazendo isso em alguns momentos através do discurso indireto livre, através do qual “vemos coisas através dos olhos e da linguagem do personagem, mas também através dos olhos e da linguagem do autor”. (WOOD, 2012 p. 23). Utiliza desse recurso também para traduzir os sentimentos, desejos e pensamentos da cachorra Baleia, que é humanizada por ele nesse romance, como podemos ver no trecho a seguir:

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo. Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (RAMOS, 1992, p. 91).

Sendo assim, apesar de tratar da vida de pessoas tão brutalizadas pela seca, que beiram a condição animal, o narrador escolhe ser o responsável por trazer à tona a humanidade presente nesses seres humanos, humanizando inclusive a cachorra da família. Com isso, temos “uma criação em sentido pleno, como se o *narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe à margem*, empurrando-os para as fronteiras da animalidade. (CANDIDO, 2006, p. 149, grifo nosso).

Como nos aponta de forma brilhante Candido, é pelo fato de não ser um intérprete mimético que o narrador de *Vidas Secas* distingue-se totalmente do narrador de *Ratos e Homens*. Quem dá humanidade a Fabiano e sua família é o narrador. Ao contrário disso, o narrador do romance de Steinbeck não interfere em momento algum, não abre espaço para uma reflexão a parte. Além disso, Fabiano e família vivem em isolamento, tanto em relação a outras famílias, quanto em relação a seus próprios familiares. É como se cada um estivesse sozinho vivendo seus dilemas. Isso não acontece no romance de Steinbeck de forma tão drástica.



Em *Ratos e Homens*, segundo a tipologia de Friedman (2002), o foco narrativo se constrói no modo dramático. Nesse tipo de texto, autor e narrador já foram excluídos. No modo dramático, as informações às quais o leitor tem acesso

limitam-se em grande parte ao que os personagens fazem e falam; suas aparências e o cenário devem ser dados pelo autor como que em direções de cena; nunca há, entretanto, nenhuma indicação direta sobre o que eles percebem (um personagem pode *olhar* pela janela — um ato objetivo — mas o que ele *vê* é da conta dele), o que pensam ou sentem. (FRIEDMAN, 2002, p. 178, grifos do autor).

Portanto, em textos como esse, só teremos acesso aos sentimentos, pensamentos e percepções dos personagens por meio do discurso direto destes. Ao narrador, que apenas descreve a cena e organiza o texto, não cabe a descrição desses eventos vividos interiormente pelos personagens. Esse é o grande ponto no qual *Vidas Secas* e *Ratos e Homens* divergem. No romance de Graciliano, o narrador é responsável por traduzir para nós o que está no íntimo de seus personagens — não só por benevolência, mas pela natureza lacônica dos personagens. Já no romance de Steinbeck, através do narrador nós não temos nenhuma indicação a essa esfera dos personagens.

Não há nenhuma interferência do narrador; a ele não cabe nem traduzir para uma linguagem formalmente adequada o discurso dos personagens. Retrata tudo conforme foi dito, sem alterações e sem comentários a respeito desse discurso. Tudo que sabemos acerca do que pensam, sentem ou percebem Lennie, George, e dos demais personagens, sabemos por meio do discurso direto de cada um deles:

George se levantou, foi até o catre de Lennie e se sentou.  
— Detesto esse tipo de idiota — disse. — Já vi um montão de gente que nem ele. Como os velhos dizem, o Curley não arrisca nada. Ele sempre ganha. — Ficou pensativo por um instante. — Se ele vié mexê co'ocê, Lennie, a gente vai tê que engoli tudo. Num vai achá que pode sê diferente. Ele é filho do patrão. Olha bem, Lennie. Tenta ficá longe dele, tá? Nem fala com ele. Se ele entrá aqui, ocê vai direto pro otro lado. Ocê entendeu bem, Lennie? [...] O barulho das turmas da colheita ficou mais alto, a batida de cascos pesados no chão duro, o arrastar dos freios e o tilintar das correntes das rédeas. Os homens de uma turma e de outra gritavam entre si. George, sentado no catre ao lado de Lennie, franzia o rosto enquanto pensava. Lennie perguntou, acanhado:  
— Ocê num tá bravo, tá, George? (STEINBECK, 2015, p. 44-45).

O narrador até nos relata que George ficou pensativo, por exemplo, mas a matéria pensante não cabe ao narrador nos transmitir. Assim, apenas temos acesso às falas dos personagens; seus pensamentos e sentimentos só são expressos se transformados em discurso verbalmente enunciado. Lennie e George vivem em um contexto tão difícil quanto o contexto no qual vivem Fabiano e sua família, guardadas as peculiaridades de cada local, mas o narrador do romance de Steinbeck, ao contrário do que faz o narrador de Graciliano, não toma para si a tarefa de humanizar seus personagens, e de traduzir, através da linguagem do narrador, e não da linguagem dos personagens, o que estes sentem e pensam. Não cabe ao narrador nem explicar fatos passados da vida dos personagens. Desses fatos só ficaremos sabendo se os próprios personagens falarem sobre o assunto.

A única semelhança entre os dois narradores é a busca por narrar somente o estritamente necessário. No caso do narrador de *Vidas Secas*, ele vê como necessário humanizar seus personagens, e explicar para nós o que estes pensam e sentem. Como para o narrador de *Ratos e Homens* isso não é um dos seus objetivos, ele simplesmente deixa que as coisas expliquem-se por si sós. Em um exercício ensaístico, se trocássemos os narradores, *Ratos e Homens* seguramente seria um romance mais extenso, pois o narrador do romance de Graciliano faria questão de humanizar Lennie, George, Candy, Crooks, por exemplo. Mas, nessa troca, com o narrador do romance de Steinbeck em *Vidas Secas*, a história, que já é breve, seria mais ainda. Não haveria humanização de Fabiano, sua mulher e seus filhos, muito menos de Baleia. Esse narrador, que transcreve apenas o que os personagens falam, não teria muito o que narrar em *Vidas Secas*, pois os personagens pouco falam nesse romance.

Além disso, apesar de ambos os romances apresentarem em seu enredo animais, o trato dado a eles é bem diferente. No romance de Graciliano, como o narrador humaniza seus personagens, inclusive Baleia, há quase que uma equivalência entre os humanos e os animais, visto que a cachorra ganha importância no discurso do narrador. No romance de Steinbeck, há mais animais presentes no enredo. O cão de Candy, os filhotes, dos quais um é de Lennie, e os coelhos, com os quais Lennie tanto sonha. Nesse romance, a equivalência

entre os personagens e os animais se dá não porque os animais são humanizados; os seres humanos presentes na obra é que são brutalizados ao extremo, beirando a igualdade de condição com os animais. Humanização e animalidade estão presentes, mas de forma inversa nos dois romances.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se ver, a análise das diferenças entre os dois romances gerou um trabalho interpretativo mais rico do que a análise das semelhanças. Com isso, entende-se que na literatura comparada

a comparação não é um fim em si mesma mas apenas um instrumento de trabalho, um recurso para colocar em relação, uma forma de ver mais objetivamente pelo contraste, pelo confronto de elementos não necessariamente similares e, por vezes mesmo, díspares. (CARVALHAL, 1991, p.11).

Foi justamente na análise desses elementos não semelhantes que encontramos a maior contribuição interpretativa no nosso trabalho. A análise das diferenças proporciona um enriquecimento teórico, pois ao compararmos elementos da narrativa apresentados de formas diferentes, precisamos recorrer à teoria que explica cada uma dessas formas, como fizemos com o foco narrativo presente nos romances analisados. É importante ressaltarmos isso, visto que

todo estudo comparatista sério conflui para uma reflexão de ordem teórica e crítica; caso contrário, corre o risco de ater-se a mero descritivismo, ou, como diria Wlad Godzich, não há nenhuma abordagem ateórica da literatura. (COUTINHO, 2006, p. 51).

Sem a análise das disparidades, cairíamos numa mera descrição de semelhanças, o que não resulta em acréscimo teórico e crítico a respeito das obras. Com o exemplo do nosso trabalho, buscamos mostrar como é importante o desenvolvimento de pesquisas que ressaltem as diferenças das obras, pois esse pode ser um objeto de estudo muito interessante para a literatura comparada.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, A.P. Literatura comparada ontem e hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon**. Porto Alegre, v.27, nº 52, p.1-18, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHAL, T.F. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. **Rev. Bras. de Lit. Comparada**. Niterói, v. 1, nº1 mar /1991, p. 9-21, 1991.

CARVALHAL, T.F. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, E.F. Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. **Rev. Bras. de Lit. Comparada**. Niterói, nº 8, p. 41- 58, 2006.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n.53, p.166-182, 2002.

LIOEN, Jens. **A Non-chronological Analysis of the Evolution of Migrant Worker Representations in John Steinbeck's *Of Mice and Men*, *In Dubious Battle*, and *The Grapes of Wrath***. Dissertation. Belgium: GuentUniversity, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1992.

SANTOS, P. S. N; ALVES, J. Literatura comparada: trajetória e perspectivas. **Literatura: teoría, historia, crítica**. Bogotá, v. 15, nº 1, p. 17-33, 2013.

STEINBECK, John. **Ratos e Homens**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.